

Califado Islâmico, elemento desestabilizador no equilíbrio geopolítico do Oriente Médio

Manuel Cambeses Júnior*

No tropel dos impactantes acontecimentos que ocorrem no dia a dia do acontecer mundial, por vezes não damos a devida importância a temas que merecem profunda reflexão e que são vitais para o equilíbrio do poder mundial, com inevitáveis reflexos em nosso país.

Queiramos ou não, o que vem ocorrendo atualmente no Oriente Médio está diretamente vinculado com o nosso futuro através, principalmente, do fio condutor do petróleo. Lembremos que a região do planeta onde mais se produz hidrocarbonetos é o Golfo Pérsico, e tudo que ali ocorre tem uma influência determinante nos mercados petrolíferos, em nível mundial. Para agravar a situação, aquela região é frequentemente castigada por irreconciliáveis e persistentes fricções geopolíticas que conduzem, inexoravelmente, a uma contumaz vio-

lência endêmica que, lamentavelmente, parece estar predeterminada nos genes de seus habitantes.

Os atuais acontecimentos que assolam a região têm sua origem em temas que se vinculam às três grandes religiões de cunho monoteísta: cristianismo, judaísmo e islamismo, cujas origens remontam a épocas bíblicas e a feitos transcendentais do passado, “extraídos desde o Êxodo até o Holocausto”, tal como afirmou, em impactante discurso, o então presidente estadunidense Ronald Reagan.

É de fundamental importância nos remetermos ao passado, a aproximadamente 1500 anos na História, para poder entender o que agora vem ocorrendo no Oriente Médio. No ano 570 depois de Cristo, nasce, em Meca, o Profeta Maomé. O Arcanjo Gabriel lhe revela, de forma milagrosa, uma nova

* Coronel-Aviador; sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

religião, o Islã, cujos princípios estão definitivamente explicitados no livro sagrado intitulado Corão. A partir daí, esta religião passaria a ter uma influência fundamental na história da humanidade.

Maomé faleceu no ano 632 d.C. sem deixar nenhum sucessor, já que não possuía filhos do sexo masculino. Entretanto, sua filha Fátima se casa com um primo chamado Ali, que não tinha direito à sucessão por não ser descendente varão do Profeta.

Os primeiros Califas que sucederam Maomé – Abu Beckr e Umar – pertenciam à tribo dos Quaraish, provenientes da antiga aristocracia de Meca. Umar foi assassinado derramando o seu sangue sobre o sagrado Corão.

A partir daí, se inicia uma sangrenta guerra pela sucessão do Profeta. Finalmente, Ali – genro de Maomé e esposo de sua filha Fátima -, cai também assassinado no ano 661 d.C. Seu filho Hussein, neto de Maomé, reclama para si o Califado. Seu adversário era Yezeed, filho de Muawija, que havia sido o mais amargo antagonista do Profeta.

A caminho de Damasco, que à época era a capital do Califado, Hussein foi emboscado e assassinado por 4.000 homens que estavam a serviço de Yezeed.

A partir desse momento, se formam duas atuantes facções dentro do Islã. Os defensores dos direitos de Hus-

sein que passaram a se denominar shii (xiitas), e os defensores dos direitos de Yazeed, que passaram a se chamar de sunnis (sunitas). Desde então, xiitas e sunitas não pararam de cultivar um ódio secular. Em realidade, o derramamento de sangue entre eles nunca foi interrompido.

Bem, agora façamos uma pausa para interromper o curso da antiga História e retornarmos ao Século XXI. Retomemos o nosso relato 1.331 anos mais tarde, em 2014. Nos encontramos agora no Iraque e, para nossa surpresa, os mesmos incontidos ódios e frequentes derramamentos de sangue continuam entre aqueles homens, tal como se no dia anterior tivesse ocorrido o assassinato de Hussein. Desde então, tem ocorrido muitas coisas no mundo, porém os ódios ancestrais entre xiitas e sunitas lamentavelmente seguem sendo os mesmos.

Geralmente, os sunitas são ligados às populações das monarquias teocráticas como Emirados Árabes, Qatar, Arábia Saudita etc. Os xiitas, ao contrário, constituem 95% da população do Irã e 55% do Iraque.

Os sunitas costumam ser os mais radicais, os que defendem o legado de Osama Bin Laden e do grupo terrorista Al Qaeda, e que agora se rebelaram no Iraque e acabam de declarar a criação de um Califado Islâmico que engloba boa parte do território do país meso-



potâmico. Também são os mesmos que estão enfrentando na Síria a ditadura de Bashar al Assad.

Os norte-americanos, depois de terem retirado suas forças militares do Iraque, não encontram meios para reagir efetivamente à nefasta ação dessa instituição de alto grau de fundamentalismo sunita, que degola ocidentais e extermina implacavelmente inimigos, inclusive muçulmanos de outras vertentes do Islã. Para surpresa geral, tudo indica que estão recorrendo a seu arqui-inimigo Irã – cujo governo reivindica o legado do Ayatollah Kohmeini –, para tratar de restabelecer a ordem na região. Recordemos que faz pouco tempo o governo iraniano era acusado de estar desenvolvendo armamento nuclear e, consequentemente, colocando em risco o equilíbrio do poder mundial.

Diante deste instigante e curioso cenário, somos levados a crer que a geografia política da região está correndo

sério risco. Não se trata somente da criação do Califado Islâmico, mas, também, de boa parte da população do Iraque, os curdos – que embora sunitas, são de origem turca e não árabe –, que há muitos anos reivindicam a criação de um Curdistão independente. Se isto chegar a ocorrer a Turquia se verá seriamente ameaçada, já que os curdos constituem uma parcela significativa de sua população.

Para complicar ainda mais esse tremendo imbróglio geopolítico, na vizinhança de todos esses países está Israel, o único país da região dotado de armamento nuclear e a quem muitos árabes aspiram, ardentemente, apagar do mapa do Oriente Médio.

Diante deste cenário altamente complexo e preocupante, identificamos, na atualidade, o Califado Islâmico como elemento desestabilizador na geopolítica do Oriente Médio e, consequentemente, altamente influente no equilíbrio do poder mundial. ●